

**FACULDADE DE CONCHAS/POLO A CASA TOMBADA**

**SUELI REGINA DE MELLO**

**O jogo das Xicrinhas**

**Relato de experiência de criação de performance de  
narração oral a partir de memórias familiares**

**Orientadora:** Profa. Letícia Liesenfeld

**Leitora:** Profa. Simone Grande

São Paulo – SP

2023

SUELI REGINA DE MELLO

## **O jogo das Xicrinhas**

### **Relato de experiência de criação de performance de narração oral a partir de memórias familiares**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Faculdade de Conchas/Polo A Casa Tombada  
como parte dos requisitos para a conclusão da  
Especialização em Contação de Histórias

São Paulo – SP

2023

## **AGRADECIMENTOS**

Ao meu filho, por ouvir minhas histórias desde que nasceu e me inspirar a me tornar contadora de histórias.

À Juliana Jardim, que ao propor um exercício em suas aulas me levou a ir tão fundo que acabei me inspirando a fazer esse TCC.

À Simone Grande, por ser uma leitora deste trabalho e por passear de braços dados comigo pelos cômodos dessa casa, me acalmando, enquanto treinávamos a apresentação final de suas aulas.

À Leticia Liesenfeld, minha querida orientadora.

Ao Giuliano Terno, por me trazer para estudar na Casa Tombada.

À Kiara Terra, que se ofereceu para dirigir esse texto.

Ao Victor Cantagesso, por ser parceiro de cursos e me ajudar nos ensaios.

À Helena Gonçalves, outra companheira de cursos e contações, por me fazer focar neste trabalho.

À Cláudia Ricci, por ajudar na análise da escrita.

Aos meus amigos do curso na Casa Tombada: Cristiano, Simone, Silvani, Irene e o casal, Alexandre e Carla.

A todos que me ouviram, a todos que opinaram e dividiram comigo suas próprias histórias ligadas ao tema que aqui apresento. Histórias de infância, história de mulheres que viveram sob intenso preconceito e fizeram de tudo para cuidarem de seus familiares e de si mesmas. Mulheres abusadas, no sentido de serem teimosas, não aceitarem obedientemente o que tentam nos impor.

Agradecimento primordial à Dona Catharina, minha mãe, e à Tia Margarida, as personagens desse texto, que me deixaram uma herança de luta, de brotar em chão de terra seca, contrariamente a todas as expectativas. Herança de resistir, de acreditar, de sonhar e ter a coragem de mudar de rumo quando se faz necessário. A elas, deixo aqui o meu tributo e minha imensa saudade.

## **RESUMO**

Esse é o relato de como transformei lembranças da minha tia e das histórias que minha mãe contava sobre sua vida em uma contação de história artística. O ponto de partida foram objetos que pertenceram a elas: um jogo de xicrinhas de porcelana, presente de casamento de minha mãe, e dois livros de Boas Maneiras no Lar, da década de 50, herdados da tia. Vivi a experiência de uma narradora oral para a de uma narradora urbana quando escrevi o texto e planejei a apresentação. O resultado foi a compreensão daqueles fatos e a visão amadurecida desses resquícios, um olhar sensível para tudo, descobrindo a beleza e me deparando com um imenso afeto. Reconheci a importância de contar a história de mulheres que sofreram violência. E amadureci como contadora de histórias.

## **ABSTRACT**

This is the story of how I transformed the stories that my mother told me in my childhood about her life and the memories about my aunt in a narrative artistic history. The starting point was objects that belonged to them: a set of porcelain cups, gift from my mother's wedding, and two books about good manner's at home, from the 50s, inherited from my aunt. I lived the experience of an oral narrator for an urban narrator when I wrote the text and planned the presentation. The result was the understanding of those facts and the matured vision of these glimpses, look at them with more sensibility and with an immense affection. I recognized the importance of telling the story of women who suffered violence while I matured as a storyteller.

## SUMÁRIO

1.	O CAMINHO DAS DESCOBERTAS.....	6
2.	PROCESSAMENTO DAS NARRATIVAS.....	9
3.	OS DETALHES VÊM À TONA.....	11
4.	O OLHAR DA CRIANÇA INTERPRETADO PELA ADULTA.....	12
5.	PISOTEANDO AS UVAS.....	14
6.	A NARRAÇÃO EM PARELHEIROS.....	17
7.	CONCLUSÃO .....	18
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	19
	ANEXO I.....	20
	ANEXO II .....	28

## 1. O CAMINHO DAS DESCOBERTAS

A primeira vez que me apresentei foi no final do curso de contação de histórias na biblioteca Narbal Fontes (2015). Insegura, pedi a opinião de colegas para me preparar. Era uma história cumulativa<sup>1</sup>, que meu filho adorava ouvir quando criança. Exige bastante da memória porque os trechos são repetidos e aumentados todo o tempo. Uma amiga sugeriu que eu desenhasse algumas partes do texto e as fixasse num varal enquanto contava para me orientar pelas imagens e não me perder. Outra sugeriu usar gestos. Ao falar de uma casinha, fazia um telhado com as mãos, por exemplo. Ensaiei dos dois modos. Às vésperas do evento, sugeriram cantar. Tentei satisfazer a todos e o meu desespero foi tão grande que tropecei e quase caí para trás. Felizmente, alguém me segurou.

Uma experiência bem-sucedida aconteceu pouco depois na biblioteca Sylvia Ortoff, apresentando-me para idosos. Queria contar a história como quebrei meu pé e superei esse problema ligando essas experiências com outras histórias de sabedoria. Levei minhas muletas, mostrei como fui me acostumando a elas até chegar a me balançar, brincando. Foi um susto quando as coloquei de lado para contar as outras histórias. A reação de todos foi como se tivesse acontecido um milagre. Foi divertido! E a julgar pela reação dos ouvintes estava sendo bem convincente. Não tinha essa intenção. Apenas aconteceu.

Anos depois, preparar a contação do Jogo de Xicrinhas foi um caminho de descobertas, mesclado de erros e acertos. Havia os ingredientes: as xícaras estavam comigo desde 2001, quando minha mãe faleceu. Os livros de minha tia, desde 1982, quando nos desfizemos das coisas que ela deixou. E as lembranças em desordem na memória. Todo esse tempo, as memórias estiveram ali adormecidas em tais objetos. Quando decidi narrar, elas acordaram. Mas ainda não estavam prontas para serem contadas. Era preciso trabalhá-las, extrair o suco, jogar fora o bagaço, fermentar o que sobrou até que uma transformação acontecesse.

---

<sup>1</sup> A Casa que o Pedro Fez, um conto tradicional classificado como história cumulativa, com várias repetições de ações ou falas que se acumulam e se somam ao final.

A primeira vez foi um improviso na aula da professora Juliana Jardim. Era um exercício de contar uma história, mas naquela semana não consegui escolher nem preparar nenhum texto. Levei o jogo de xicrinhas guardado há anos pensando que seria mais fácil contar uma história ligada à minha vida do que trabalhar em alguma outra escrita de alguém. Sentei-me no chão, fui dispendo as xícaras num pano vermelho, enquanto relatava o que minha mãe contava sobre sua vida quando eu <sup>6</sup> era criança; as raras vezes em que usou as xícaras nas visitas de minha tia. Sem que me desse conta, uma grande emoção me veio e envolveu os presentes porque a história, entre outras coisas, fala das mortes trágicas dos meus avós aos 14 anos de minha mãe, de como se tornou “escrava” da tia com ela os irmãos e de um abuso sexual que sofreu nessa casa. Nunca tinha pensado tão a fundo no sofrimento de minha mãe! Estavam ali apenas a professora e mais cinco colegas do curso. Uma delas, muito tocada pelo relato, me segredou depois sobre uma história semelhante a respeito de uma tia que todos evitavam comentar.

Surpresa pelo resultado, comecei a pensar em tornar a experiência dessa apresentação no trabalho de conclusão de curso. contei uma segunda vez, numa oficina de narração de Kiara Terra<sup>2</sup>, pouco tempo depois. Quis experimentar de novo as reações. Dessa vez, contei mais detalhes, revelando muito sobre mim. Reconheci meus sentimentos em relação a tudo. Havia carinho, saudade, mas também revolta. Não fotografei nem gravei. Era apenas um exercício numa aula. As pessoas já não eram tão próximas como meus amigos da pós, o que me deixava um pouco ressabiada. De conhecido no público, além da professora, apenas a amiga Helena Gonçalves e o amigo Victor Cantagesso, conhecidos no primeiro curso de contação de história que fiz, em 2015, na biblioteca Narbal Fontes. Já nos apresentamos juntos e nos encontramos em novos cursos ligados e oficinas ligadas a esse tema. Ao final, sentia-me aturdida por tudo que havia acontecido. Foi um grande desabafo. A professora foi interpretando o que havia assistido. A história em si, os sentimentos de minha mãe e minha tia que ela captou nas entrelinhas, como se adivinhasse o que não contei. Achou a história importante para ser contada. Estava entusiasmada. Seus comentários me fizeram perceber o quanto eu tinha me envolvido com o exercício e o

---

<sup>2</sup> Escritora, atriz e contadora de histórias, desenvolve o método da História Aberta desde 1998. Doutoranda em Sociologia da Infância.

quanto eu havia conseguido transmitir para todos. Coloquei para fora uma história estava dentro de mim há anos.

Revelei que estava amadurecendo a ideia de tornar a história meu trabalho de conclusão de curso. Ela se ofereceu para dirigir “caso eu quisesse”. Obviamente, eu queria. Um privilégio para mim!

O desafio era narrar a história de minha mãe e minha tia a partir desses objetos de uma maneira que encantasse os ouvintes. Queria fazer e servir “o vinho”. Incomodava-me o fato de me emocionar além da conta ao narrar um sofrimento tão grande. Tenho dúvidas se a pessoas se interessariam em ver uma apresentação dessas fora de uma aula do modo como tinha sido apresentada.

Embora “receitas” para contar bem uma história existam, precisava desenvolver o meu jeito. Então, eu me atrevi a fazer. E ao fazê-lo fui experienciando o que Gislayne Avelar Matos <sup>3</sup> descreve: “Na arte de contar histórias, podemos dizer que, por meio do conto, criado na cena da *performance*, o contador dá forma à sua expressão.”

---

<sup>3</sup> Matos, Gyslain A. Nas Asas da Poesia: contação de histórias como linguagem artística. In: Contação de Histórias: Tradição, Poéticas e Interfaces, 2015, Edições Sesc São Paulo.



## 2. PROCESSAMENTO DA NARRATIVA

Ao preparar essa contação tive de me observar como estava contando o que tirou meu foco do medo de errar que sempre me perseguiu. Procurava perceber as reações a partir do olhar de quem me ouvia. Experimentei isso numa outra oficina contação de histórias, com outra professora. Não percebi muito planejamento naquela atividade, cada um contava o que quisesse do modo como quisesse. Teria deixado esse curso que não me pareceu interessante, mas resolvi insistir usando o espaço para treinamento. Nesses experimentos, comecei a me perceber mais, como se me visse de fora de mim. Como definiu o teatrólogo Augusto Boal<sup>4</sup>.

“Foi nesse momento que se deu a descoberta! Quando Xuá-Xuá renunciou a ter seu filho totalmente para si. Quando aceitou que ele fosse um outro, outra pessoa. Ela se viu separando-se de uma parte de si mesma. Então ela foi ao mesmo tempo atriz e espectadora. Agia e se observava: era duas pessoas em uma só – ela mesma! Era espect-atriz. Como somos todos espec-atores. Descobrimo o teatro, o ser descobre o humano. O teatro é isso: a arte de nos vermos a nós mesmos, a arte de nos vermos vendo!” (Augusto Boal, 2004, p. xiii)

Na primeira vez, contei sentada no chão como nas vezes anteriores. A surpresa foi positiva, mas em determinado momento comecei a perceber pessoas bocejando enquanto me ouviam. Sinalizou que estava cansativo. Senti que precisava mudar o ritmo de minha fala para tornar o relato mais atrativo. Falar mais rápido, me movimentar. Não conseguia lembrar todos os detalhes do que me propunha a relatar. Para facilitar tentei fazer uma mediação de leitura de pequenos trechos dos livros de etiqueta que herdei de minha tia. Foi difícil sem óculos. Acabei contando com minhas palavras só o que recordei. Funcionou e foi suficiente.

---

<sup>4</sup> BOAL, Augusto, Jogos para Atores e Não Atores, 2004, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

Na segunda vez, como havia poucas pessoas, resolvi contar a história sentada junto com as colegas à mesa, dispondo as xícaras enquanto falava, como se estivesse numa preparação para um chá. A experiência não foi muito bem-sucedida pois uma aluna desandou a falar, interrompendo e contando de si mesma. Quase perdi o fio da minha narração. Uma pessoa desse grupo me relatou em segredo e derramando lágrimas fatos que disse nunca ter revelado nem a psicólogo. Como meu texto fala sobre alcoolismo em algum momento, lembrou-se de que um dia que teve de buscar um familiar alcoolizado na rua. A situação me deixou preocupada. Não sou psicóloga nem minha intenção é a de que as pessoas comecem a se sentir como numa sessão de psicoterapia. Não saberia o que fazer caso as pessoas comessem a surtar. Senti que era preciso tornar minha história mais leve. 9

Contei ainda mais uma vez nesse local, apenas um trecho, no dia em que comprei meu vestido branco e o sapato nude que havia decidido usar na apresentação. Foi importante experimentar contar com a roupa, se me sentia à vontade nela. Fiquei em pé ao lado de uma mesa onde coloquei as xícaras. Comecei a me movimentar um pouco à volta dessa mesa enquanto falava e para mostrar, por exemplo, como minha tia andava. Essa maior liberdade de movimentos trouxe espontaneidade. Ficou engraçado. Um problema foi o risco de bater o braço nas xícaras ao narrar, quebrando-as ou lançando-as em direção ao público, causando acidentes. Era necessário dosar os movimentos e planejar melhor como utilizar o espaço.

### 3. OS DETALHES VÊM À TONA

Essa história aborda o comportamento tão diferente daquelas irmãs: a positividade de minha tia; as tristezas e os medos de minha mãe; e o porquê de tudo isso. Nas duas primeiras apresentações tinha facilidade em contar, pois o relato era de pura emoção e lembrança. Não havia o que esquecer ou me perder, pois a história era minha. Um roteiro apenas mental para que a história tivesse começo, meio e fim. Os gestos eram espontâneos nesse contar, mudanças na voz que não foram ensaiadas. Às vezes, saía embargada.

Quando contei que minha mãe esperava meus irmãos chegarem olhando por um vitrô que havia na cozinha de casa, rezando, com medo, com raiva, assustada porque eles demoravam, lembrei-me de vários detalhes que haviam sido apagados pelo tempo: o vidro dessa janela com textura de bolinhas; o portão de ferro na entrada de casa, com desenhos tipo rococó, a Via Dutra lá no horizonte e o cheiro de bolacha da indústria Duchen, que ficava naquela rodovia e nos alcançava. Lembrei-me das casas da vizinhança, as árvores do meu quintal, as plantas, as escadas. O escuro da noite. O assobio do guarda noturno. As visões eram tão intensas que Kiara disse que ela conseguia visualizar esse pequeno vitrô a partir do meu olhar porque eu o descrevia como se eu o visse na minha frente. Eu via mesmo.

Conhecia cada detalhe do que estava contando. Lembro-me de que foi preciso criar isso para apresentar a história do Gênio do Poço numa aula da Simone Grande<sup>5</sup>. Pesquisei detalhes, como a época em que foi contada, ambiente, costumes, personalidade que imaginava terem os personagens, cultura da época, com o intuito de entender e transmitir legitimidade ao que estava contando. No caso da minha própria história de vida, aconteceu de uma maneira natural. Muito dela estava em mim desde a infância. Eu apenas reconhecia. Com meu corpo, eu dizia muito mais que

---

<sup>5</sup> Contadora de Histórias, atriz, diretora do grupo de Teatro As Meninas do Conto e formadora de contadores de história.

com minhas palavras, sem querer e sem saber. Como se parte dessa história estivesse também sendo contada nas entrelinhas do meu dizer.

#### **4. O OLHAR DA CRIANÇA INTERPRETADO COMO ADULTA**

Quando escrevi o texto, registrei o que recordava de minha tia e as lembranças da forma como ouvi da minha mãe. Tentei adivinhar algumas coisas porque era muito pequena para entender essa conversa que era mais dirigida a minha irmã mais velha, sentadas na cama de casal, enquanto minha mãe costurava alguma coisa e minha irmã cuidava das unhas. Eu e meus irmãos íamos chegando para escutar. Ao escrever, comecei a imaginar como minha mãe se sentia. 1  
1

Nunca havia entendido o comportamento dela de ficar em pé na porta da cozinha apoiada numa perna só olhando a família almoçar enquanto comia só um pouquinho de arroz num prato de sobremesa. Uma ouvinte me contou que a mãe dela tinha o mesmo comportamento por causa do marido. Não acho que meu pai a obrigava a isso.

O que sei é que ela era triste, séria e brava. Mesmo quando a abraçava e ela tentava sorrir para mim, olhava bem perto os olhos dela e percebia que não estavam alegres. Ela não era muito afetuosa. Ao escrever, entendi e relevei essa dureza porque fui me colocando no lugar dela. Imaginei como é difícil expressar amor para alguém que não viveu essa experiência. Os pais dela faleceram quando ela tinha 14 anos. Depois disso, sua vida foi de escravidão ao viver na casa de uma tia que a obrigava a todo tipo de serviço do doméstico pesado, além de lavar roupa para os vizinhos para “compensar” os gastos dos tios com a despesa que ela e o irmão dava para o casal. Imagino quantos anos ela ficou sem um carinho? Um abraço que fosse. O quanto ela sentiu quando teve de deixar a escola após a morte da mãe para trabalhar na casa da tia? Relevei também aquele comportamento de nos prender em casa (eu e minha irmã), obrigar a cortar o cabelo curtinho, nos vestir de modo masculino. Era o jeito que tinha de nos proteger. Foi muito sofrido para nós duas!

Uma vez ela nos contou que usava duas tranças grossas ao se vestir para a escola antes dos pais falecerem. É a imagem mental que faço dela quando menina. Não há fotos para confirmar. Daquela infância, só restou uma canção típica de Campo Grande, MT, que ela usava ninar. Não me lembro de sua voz cantando, nem se cantou para mim. Aprendi quando minha irmã cantou para o próprio filho.<sup>6</sup> Assim foi a vida dela inteira. Incompreendida, magoada, assustada, com medos, trabalhando duro, preocupando-se com alguém que não chegava ou sumiu. E Tia Margarida, mesmo doente desde a juventude, era sempre otimista, buscando experiências novas, alimentando sonhos.

1  
2

Nessa atividade, enfrentei a dificuldade de escrever o que era oral, descrita por Agamben<sup>7</sup>:

“Escrever justamente o que nunca foi lido e ler o que nunca foi escrito, ou seja, aquele *falar materno*, que existia apenas na dimensão oral. Tentar passar para o escrito o falar materno obriga-o a não simplesmente transcrevê-lo, mas, como sabem, a inventar aquela língua da poesia, aquele vulgar ilustre que não existe em lugar algum e, tal como a pantera dos bestiários medievais, expande por toda parte seu perfume, mas não reside em lugar nenhum”. (O Fogo e o Relato, págs. 108 e 109)

---

<sup>6</sup> O Meu Galinho <https://www.vagalume.com.br/cancoes-populares/o-meu-galinho.html>

<sup>7</sup> AGAMBEN, Giorgio. O Fogo e o Relato: Ensaios sobre Criação, Escrita, Arte e Livros, 2018, Boitempo Editorial.

## 5. PISOTEANDO AS UVAS

Depois de escrita, o próximo passo era preparar essa história para a apresentação. Nesse momento fiquei em dúvida se a escrita iria ajudar ou atrapalhar. Inicialmente senti a obrigação de contar tudo o que estava ali. Mas não sou atriz para memorizar palavra por palavra. Em minha vivência como contadora, estudando técnicas e assistindo outros contadores é de que estes usam o texto com mais liberdade, adaptando-o ou modificando-o dependendo de quem assiste, mesmo durante a contação. Gslayne Matos e Inno Sorsy<sup>8</sup> ratificam essa impressão quando escrevem que “a principal diferença entre esses dois tipos de expressão é que o ator precisa de um diretor, que funciona como um olho exterior, enquanto o contador tem um diretor interior, que é a própria história”.

1  
3

Uma amiga do curso de pós, que além de contadora de histórias é atriz, me aconselhou a comprar outras xícaras semelhantes para não correr o risco de tê-las quebradas ou roubadas, principalmente se fosse me apresentar em algum lugar mais aberto do que a Casa Tombada, entre pessoas desconhecidas. Ela já teve objetos que usava em cena quebrados ou desaparecidos. Cheguei a procurar peças semelhantes num antiquário. Encontrei, mas não me animei a comprar. Apenas pensei: se aquelas xícaras chegaram naquele antiquário é porque sua dona quase não as usou, como minha mãe. O que será que elas tinham em comum? Fiquei em dúvida se conseguiria transferir esses sentimentos para objetos que não compartilharam da minha história. Tenho tanto carinho por esse jogo de xicrinhas!

Em julho de 2019 houve mais uma oficina de Kiara, onde continuamos a trabalhar a história que havíamos escolhido na primeira. Contei o que lembrei. Dessa apresentação selecionamos momentos que poderiam ficar. Reduzi a história

1  
4

---

<sup>8</sup> MATOS, Gylsaine Avelar e Sorsy, Inno, O Ofício do Contador de Histórias: perguntas e respostas, exercícios práticos e um repertório para encantar, 2013, Martins Fontes.

focando no que era mais significativo. Já não era um desabafo apenas como foi nas primeiras vezes. Havia um planejamento. Começamos ver algumas situações por outro viés. Percebi o quanto Tia Margarida era engraçada! E o quanto gostava dela também!

Tivemos a tarefa de pegar nosso texto e fazer um “esqueleto”, elegendo e nomeando sete partes importantes, que funcionou como um roteiro.

Depois discutimos que roupa gostaria de usar, o que calçar. Ao escolher um figurino a ideia era representar aquele desejo que minha tia tinha de se casar. Assim escolhi um vestido branco e rendado. E um sapato do tipo boneca, nude, que me lembra os usados na época em que ela era jovem. Esse vestido representava também o sonho de se casar de branco, o que para as noivas da época, era uma questão de honra,

Comprei para guardar minha herança uma caixa oval em MDF que eu mesma pintei em rosa, enfeitei com papel de flores e um laço, numa aula de artesanato que fiz especificamente para aprender a fazer esse trabalho. Valeu a pena. A caixa era apaixonada como a tia Margarida. Apaixonada pela vida. E eu, cada vez mais apaixonada por esse meu trabalho.

Optei por colocar em exposição menos peças, para ter mais agilidade ao contar. Tinha também de tomar mais cuidado com o braço para não derrubar as xícaras da mesa, ou, pior ainda, arremessá-las sem querer em direção do público.

Decorei os livros herdados da tia com um tecido florido e rendas de cor rosa. Selecionei as partes mais machistas e mais engraçadas. Como não conseguia ler do próprio livro, letras pequenas, sem óculos e não queria memorizar, digitei esses trechos com uma letra bem grande e coloquei dentro do livro para ler durante a contação. Acabou não sendo necessário pois contei apenas o que lembrei e achei mais importante.

No dia da apresentação prenderia os cabelos como uma moça bem recatada, como minha mãe gostaria que eu fosse. Queria usar algum enfeite que lembrasse o desejo de casamento das moças daquela época. O vestido branco, era questão

de honra. O plano era que no final, simbolizando uma libertação, eu soltasse os cabelos, aplicasse um batom vermelho e trocasse o vestido branco por outra roupa colorida, que me valorizasse como mulher e representasse o feminino desse nosso tempo onde nos importamos menos com “o que os outros vão pensar”, escolhemos ser profissionais, valorizamos as que trabalham em casa, lutamos pela ideia de dividir tarefas domésticas, entre inúmeros avanços. Lembrei-me do vestido azul que usei na formatura do meu filho, carregado de boas lembranças e afeto nele.

A última aula daquele curso ocorreu na Casa Tombada, onde encontramos um lindo biombo de ferro enfeitado com um fio iluminado de flores na sala em que ficamos. Resolvemos utilizá-lo, deixando à direita da cena. Havia uma pequena mesa que usei para dispor as xícaras que posicionamos no centro. E num outro suporte à esquerda colocamos os livros de tia Margarida. Ficou planejado colocar uma margarida ali, num vasinho, representando-a.

Assim foram demarcados três espaços para a contação. Iniciava no centro, quando apresentava as xicrinhas, colocando-as sobre a mesa. À direita falava sobre tia Margarida, acompanhada pelos livros e um pequeno vaso com uma margarida. À esquerda, relatava sobre minha mãe. Aquele biombo era lindo, mas impunha limites, como as grades de uma prisão. Bastante significativo.

Também escolhemos músicas: Minha Namorada, de Vinícius de Moraes e Carlos Lyra para o início, Marcha Nupcial para o momento que falo sobre o sonho de minha tia de se casar, e Valsa para Uma Menininha, de Toquinho e Vinícius.



## 6. A NARRAÇÃO EM PARELHEIROS

Ao final da oficina, Kiara nos convidou a contar nossas histórias em Parelheiros, numa rua e numa biblioteca. Não senti segurança em contar na rua com aqueles objetos todos. Nem fui vestida com meu figurino. Assim, minha apresentação aconteceu apenas na biblioteca Caminhos da Leitura, criada dentro de um cemitério daquele bairro, na antiga casa do coveiro. Ela foi idealizada pela educadora social Bel Santos Mayer, que estava presente na ocasião.

Não havia muito tempo para minha contação porque no momento em que chegamos, os visitantes, alunos da Universidade de São Paulo que tinham ido conhecer aquela biblioteca tão especial, já estavam se preparando para ir embora. Teria no máximo 20 minutos de uma apresentação de uns 40. Kiara insistiu para que eu vivesse aquela experiência assim mesmo. O combinado seria que eu contasse apenas uma parte.

Enquanto fui me trocar, Kiara contou uma pequena história. Chegado o meu momento, não havia tempo nem para ficar nervosa ou com medo da situação. Fiquei meio anestesiada e simplesmente contei. O local era aberto, mas não tive medo de que as pessoas não me ouvissem por eu falar baixo. Naturalmente minha voz chegava até onde eu queria. Sei disso porque ninguém reclamou nem fez cara de que não estava ouvindo. As pessoas estavam atentas e contei o que pude. A presença da diretora, dos amigos Victor e Helena, me trazia confiança. Quando chegamos nos 20 minutos, em vez de parar abruptamente, Kiara disse baixinho, fazendo sinais: conta tal parte para fazer sentido nesse final. Contei e até mesmo tirei o vestido de cima do outro, soltando os cabelos ao vento. Senti que as pessoas se divertiram e se emocionaram. Houve aplausos. Uma garota veio me contar ao final que ela também ficava presa em casa e não podia brincar além de um muro. Havia um tom de desabafo

e solidariedade. Ela me disse que assim como eu ela mais estudou do que brincou. Outros vieram me cumprimentar também.

## 7. CONCLUSÃO

Senti uma alegria tão grande em superar tanta coisa! Victor e Helena vibravam. Victor disse: “Se você tem alguma dúvida sobre isso, saiba que você se tornou uma contadora de histórias!” O acompanhamento de Kiara foi bastante importante para a construção e apresentação dessa história, que estava escrita em meu coração. Sinto que depois de tudo isso realmente me tornei mais leve para viver e para contar. Várias pessoas que me conheceram antes e depois disseram o mesmo. Acredito que o ato de contar histórias me levou superar bloqueios. A biblioterapia defende que as histórias são curativas para quem as ouve. A minha experiência diz que elas podem ser curativas também para quem as narra.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1  
8

AGAMBEN, Giorgio. **O Fogo e o Relato**: ensaios sobre criação, escrita, arte e livros. São Paulo: Boitempo Editorial, 2018.

BOAL, Augusto. **Jogos para Atores e Não Atores**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

ÍSIDE M. Bonini, Biblioteca do Lar: **Boas Maneiras (em família)**, São Paulo: Gráfica e Editora “Edigraf” S.A., 1963.

JANEIRO, Iglezias, J. e DALY, Maureen. **Biblioteca de Cultura Popular: Regras Práticas de Boas Maneiras**. 3ª. Ed. São Paulo: Editora Antonio de Carvalho, 1959.

MATOS, Gyslaine Avelar. Nas asas da poesia: contação de histórias como linguagem artística *in* **Contação de Histórias: Tradição, Poéticas e Interfaces**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2015.

SORSY, Inno; MATOS, Gislayne Avelar. **O Ofício do Contador de Histórias**. 3ª. ed. São Paulo, 2013.

MAYER, Bel Santos. Cada ação importa. **Uol Ecoa**, 03 de outubro de 2019. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/bel-santos-mayer/#tematico-1>. Acesso em: 10 de dezembro de 2022.

Músicas:

Marcha Nupcial [https://www.youtube.com/watch?v=6qN8P\\_aSpIY](https://www.youtube.com/watch?v=6qN8P_aSpIY)

Minha Namorada, de Vinícius de Moraes e Carlos Lyra  
<https://www.youtube.com/watch?v=IWxcMjz2pMQ>

Valsa para Uma Menininha, de Toquinho e Vinícius  
<https://www.youtube.com/watch?v=gBe7KPyZ-fY>

## **ANEXO I**

### **O Jogo das Xicrinhas**

**1**  
**9**

Essa é a herança que recebi da minha mãe: um jogo incompleto de xicrinhas de porcelana, que ela ganhou quando se casou. Ela faleceu em 2001. Câncer. Foram seis meses levando-a de cá para lá, o tempo todo, para consultas, exames, quimioterapia, transfusões de sangue. E meio que como um agradecimento, por eu ser sua única companhia nessa maratona fora de casa, ela me deu essas xicrinhas, que minha irmã até hoje reivindica como sendo dela. Mas são minhas! Foram entregues em mãos...

Quando criança, achava aquelas xicrinhas tão lindas! Brancas de porcelana, bordadinhas de flores e com um fio dourado nas bordas. Havia bule, açucareiro e uma pequena leiteira. Eram guardadas num armário bem alto na parede da cozinha e só eram usadas quando havia visitas. Ou seja, quase nunca. Quem às vezes nos visitava era a Tia Margarida, que nem bem aparecia lá no fim da rua a gente corria para se esconder porque ela apertava nossas bochechas. Ela vinha andando meio que se arrastando, devido a um reumatismo que tinha desde a juventude. Mas sempre com um sorriso no rosto. Ela pertencia à Seicho-no-lê e por causa disso estava sempre rindo. A tia falava de coisas que a gente nem entendia nem dava importância. Acordava gritando assim: “Que dia lindo! Que sol maravilhoso!” Hoje sei que minha tia tinha lá sua sabedoria. Mas a única coisa legal pra mim naquela época era que naquele dia em que ela estava em casa minha mãe iria mandar meu irmão comprar pão doce na padaria para o café da tarde. Tinha um creme amarelo por cima que até hoje me deixa com vontade.

Por causa desse sonho, minha mãe foi obrigada a guardar em nossa casa, a vida inteira, uma mala grande, comprida, quadrada e incômoda, com o enxoval que a tia nunca usou. Umas toalhas de banho, umas colchas. A vida inteira ela se preparou para o casamento. Depois que minha tia morreu, encontramos no meio das coisas dela, no quartinho em que morava, dois livros de Boas Maneiras em Família, da década de 50, que guardei comigo, também como herança. Queria ser uma boa esposa. E dizia sempre que uma boa moça faz isso e aquilo, não faz isso e também aquilo, se veste assim e assado. Os livros são hilários. Mas também tristes pela idealização que fazem sobre a mulher. **20**

Os livros ensinam a arrumar a casa, cuidar dos filhos, relacionar-se com o marido e com a família. Receber visitas. Regras para o noivado e casamento. Luto. A publicação refere-se à mulher como um “anjo do lar” e fala em coisas que não seriam de “bom tom”.

a - De acordo com o livro, a mulher ideal seria aquela que jamais se exhibe nessas “feiras de amostras” que são os cinemas, os desfiles de moda, e outros ambientes análogos. É a que se veste discretamente, que sabe trazer a casa limpa e ordenada, e ostentar um sorriso acolhedor. “Sensato é o moço que escolhe como esposa uma analfabeta afetuosa e meiga, capaz de chegar ao sacrifício pelo seu profundo amor, do que aquele que prefere uma jovem de aprimorada cultura, que sabe tocar vários instrumentos, que fala vários idiomas, que pratica vários esportes, que é versada em letras, ciências e artes, mas não valoriza o dinheiro ganho pelo seu marido e não tem coração”, aponta o livro.

De acordo com esses livros, muitos atritos conjugais, na maioria das vezes, são provocados pela mulher que se obstina em não compreender que o marido, mesmo apaixonado, tem pensamentos e emoções que ela não pode participar. Por isso, uma “boa esposa” deve sempre respeitar os momentos em que o marido está absorto, talvez refugiado em seu próprio mundo espiritual, sem aturdi-lo com perguntas insistentes.

Assim são as orientações sobre como deve ser criada uma menina: “Para as meninas, mais do que para os meninos, existe a eficácia do aprendizado junto à mãe na vida doméstica, porquanto, elas são pela própria natureza destinadas à função de donas de casa. Não há nisso a menor inferiorização. A menina deve aprender a varrer e espanar o quarto, arrumar a cama, as gavetas de seus armários, lavar e passar roupa, pregar botões, cerzir meias, tricotar, cozinhar, lavar a louça, fazer compras, coser e bordar. É muito importante também ensinar-lhe a lidar com os irmãozinhos, o que a habilitará posteriormente a tratar dos próprios filhos... Quanto aos rapazes, o lar deve ser-lhe propício sob todos os pontos de vista. É útil tê-los sempre ocupados com qualquer coisa: estudos ou alguma outra tarefa que lhe distraia o espírito dos anseios inconfessados, evitando ao mesmo tempo que busquem evasões perigosas”.

Há também as regras para o noivado:

“O noivado é a antessala do casamento, e como tal, convém que ambos os interessados guardem a compostura que permita aos dois um conjunto harmônico.”

Assim:

- 1 - A noiva deve ser honesta e recatada
- 2 - O noivo deve ser veraz e compreensivo
- 3 - É privilégio da noiva aceitar ou recusar o que considerar conveniente
- 4 - É privilégio do noivo propor o que considerar oportuno
- 5 - É dever de ambos dedicar-se ao mútuo respeito e mostrar deferência pelas respectivas famílias.

Essas regras aí me fazem lembrar uma viagem que fiz à Parnaíba - Piauí - há poucos anos para levar meu filho para conhecer meu sogro. A cidade só tinha dois motéis, ficavam no caminho para uma praia. Os nomes eram: “Vamo lá?” e “Pode ser?”

Nesse livro descobri finalmente qual é a “certa idade” que uma amiga que agora mora no interior insiste em falar. É a idade em que a pessoa não pode mais fazer certas coisas sob pena de cair no ridículo. Casar, vestida de noiva, por exemplo.

Diz o livro: “Existem limites para algumas veleidades, sobretudo de certas mulheres propensas a esquecer o peso dos anos, quando encontram o feliz mortal dos seus sonhos. Antes dos quarenta anos, é sempre admissível a toailete branca no dia das núpcias; depois dessa idade, convém não atrair sobre si o ridículo. Portanto a toailete, particularmente elegante, tem de ser discreta, de cor clara, mas sem os acessórios apropriados a uma noiva jovem. Se a preferência recair sobre um vestido branco, este poderá ser completado com um chapéu e o conjunto restante guarnecidos de uma cor contrastante. Tanto a cerimônia como a recepção prescindem da pompa adotada num casamento entre jovens. Os convites serão distribuídos parcimoniosamente, restringindo-os aos parentes e alguns amigos muito íntimos. O adorno floral da igreja será limitado apenas ao altar em que será celebrada a cerimônia. Num caso destes é mais simpático o casamento com missa, pela austeridade que o ato impõe.

Tia Margarida era irmã de minha mãe, apenas por parte de minha avó. Quando minha mãe nasceu minha avó estava com seu segundo companheiro. Só recentemente descobri que meus avós não eram casados. O que me revoltou porque minha mãe certa vez me ameaçou dizendo que eu só sairia de casa casada. E acabei casando. Fui feliz. Enviuei. Mas isso é outra história...

Um dia, tia Margarida ficou “entrevada” na cama, como era costume se falar, dada a gravidade da doença. Tinha reumatismo desde a juventude. Fez promessa para uma santa de que se ela saísse da cama iria confeccionar de graça sete vestidos de noiva e oferecê-los de graça a sete noivas pobres. Um deles, foi destinado ao casamento de minha mãe. Detalhe, os vestidos foram bordados à mão. Minha tia era uma artista da alta-costura. Aprendeu porque foi criada por uma família que a deixou fazer cursos. Tia Margarida morreu solteira aos 74 anos, em pleno dia dos namorados. Doze de junho de 1995! E como pertencia à igreja Seicho No Iê, morreu toda estropiada dizendo: doença não existe.

Fiquei tão chocada com esse evento que passei um bom tempo acendendo velas para ela na igreja das almas. Até que ela me apareceu toda sorridente, num sonho. no meio de um monte de gente vestindo roupas brancas. Foi como se ela

dissesse pra mim: “Chega. Estou de boa!” Verdade: existe uma foto dela de maiô, cercada de amigas na praia. Ela viajava bastante. Acho que curtiu a vida como pode.

O nome de minha mãe é Catharina. Uma imagem marcante que tenho é a dela em pé, encostada na porta, com uma das pernas dobradas, comendo só um pouquinho de arroz num pratinho de sobremesa, enquanto observava a família comer o almoço do domingo preparado por ela. Aquilo me incomodava tanto! Queria minha mãe sorrindo perto da gente, participando daqueles momentos, conversando. Mas não, ela ficava lá quietinha, não sabia se tinha acontecido alguma discussão entre ela e meu pai, se aquilo era o jeito dela fazer regime ou se era herança da vida que levou em sua juventude, quando possivelmente os tios que a criaram não permitiam que ela se sentasse junto a eles à mesa. 2  
3

Meu avô era alcoólatra e violento. Batia na minha avó. Tanto que minha mãe deixava umas trouxinhas com muda de roupa para ela, a mãe e os irmãos perto de uma janela. Se ele chegasse bêbado, eles pulavam a janela e iam dormir na rua. Às vezes a mãe de minha madrinha, a Tia Alvina, recolhia todo mundo para ir dormir na casa dela. Mas nem sempre.

Minha mãe contava que se meu avô estava sóbrio era um bom pai. Carinhoso, brincava, fazia brinquedos de madeira para eles. Até um trenzinho com aqueles ossinhos que sobram da rabada ele inventou: lixou, pintou, coloriu. Mas era só beber se transformava. Morreu de cirrose. Teve uma morte bonita. Rodeado pelos filhos, falava assim: estão vendo aqueles anjos ali no cantinho lá em cima? Estão tocando cornetas. Está na hora de eu ir...

Quando ele se foi minha mãe tinha 14 anos. Pensou assim, que agora iria estudar, trabalhar, ajudar a mãe dela cuidar dos irmãos, ter uma vida nova.

Quatro meses depois, estava chegando da escola quando viu uma multidão em frente da casa dela. Era por causa da mãe dela. Disseram que ela foi estender roupa num fio, estava descascado. Morreu eletrocutada.



Minha mãe teve de deixar a escola e ir morar na casa de uma tia e um tio. Ela e os irmãos menores: Tio Alício, tio Maciel e tio Daniel. A tia a transformou numa escrava. Além de fazer todo o serviço doméstico, tinha de lavar roupa para fora para compensar a despesa que ela e os irmãos davam. Não havia sabão em pó. Nem máquina de lavar. A tia dava só um pedacinho de sabão, desses feitos em casa com sebo. Era difícil esfregar tanta roupa com tão pouco sabão. As mãos delas vivam feridas. Depois, tinha de passar toda a roupa com um ferro a brasa. Dia inteiro passando roupas. Tinha de limpar a casa, cozinhar, lavar as louças. E arear panelas impregnadas pela cinza do fogão a lenha. Encerar, passar escovão para dar brilho. Não havia enceradeira. Uma vez a tia ficou muito brava porque ela não conseguiu matar uma galinha. Tinha dó. Foi tentar torcer o pescoço, mas a bicha saiu correndo machucada...

Os olhos dela eram muito tristes. Quando pequena eu chegava bem pertinho, colocava meus olhos bem junto aos dela, encostando os cílios. “Olho no olho”, brincava. Minha mãe simulava um sorriso. Mas eu via que os olhos não sorriam. Isso me incomodava tanto! Anos depois, ficava muito tempo sentada ao lado dela mexendo nas gavetas da máquina de costura enquanto ela costurava. Lembro do barulho da tesoura raspando na mesa enquanto cortava tecidos. E do pedal da máquina funcionando até tarde da noite. Muitas vezes ela ficava esperando meus irmãos olhando por um vitrô que tinha na cozinha. Minha mãe rezava e rezava para eles voltarem bem. Apavorada. E brava. Eu rezava junto e todo aquele medo eu sentia junto com ela. O alívio só vinha quando apareciam no portão e subiam as escadas. Minha mãe sempre falava: você não, você não vai ser danada como sua irmã. Você vai andar direito, vai ser uma moça direita. Isso a vida inteira: tentou me fazer secretária, nutricionista também. Os planos dela não deram muito certo não. Mas quem foi que disse que eu e minha irmã sejamos tortas?

Minha mãe era casada, tinha quatro filhos, sendo eu a última. Meu irmão mais velho, minha irmã, meu irmão do meio. Meu pai era ferroviário e devido aos plantões dormia muitas noites fora de casa. Ficávamos com nossa mãe que vez

ou outra nos reunia na cama de casal para contar histórias do passado que viveu. Essas mesmas que estou contando agora. Analisando essas memórias, acho que funcionava como uma terapia para ela.

Havia uma história que ouvi muitas vezes do tio que tentou agredi-la quando ela fez 18 anos. Na versão dela, ela se safou. Diz que se defendeu com uma tesoura. Tinha uma cicatriz perto dos olhos que denunciava o episódio. Soube recentemente que na verdade, ela não conseguiu se salvar. Foi estuprada e só confessou isso para minha irmã, pouco antes de adoecer, quando um dia ficou embriagada. Ela, que a vida toda tinha condenado as bebidas, por conta da história com o pai, acabou se rendendo a isso, para esquecer tantos problemas que tinha. Depois do que aconteceu, saiu da casa dos tios e foi morar com seu padrinho que era alfaiate. Ele a acolheu e lhe ensinou seu ofício. Quando se sentiu pronta, e os irmãos já estavam crescidos, veio embora para São Paulo, trabalhar como costureira numa fábrica, morar com tia Margarida e a tia Alvina, que foi enfermeira e está hoje com 100 anos. Elas moravam num cortiço no bairro do Brás. Foi lá que minha mãe conheceu meu pai, num baile em que um entregava um cabo de vassoura ao outros par para dançar também com a moça. Casaram-se. Soube numa viagem à Minas Gerais que meu pai teve um amor nunca esquecido por lá. Encontramos no meio dos pertences da minha mãe, uma carta amarelada de alguém que terminava com “um forte aperto de mão”. Isso devia ser muito erótico naquela época. Por que eles se casaram então? Nunca vou saber!

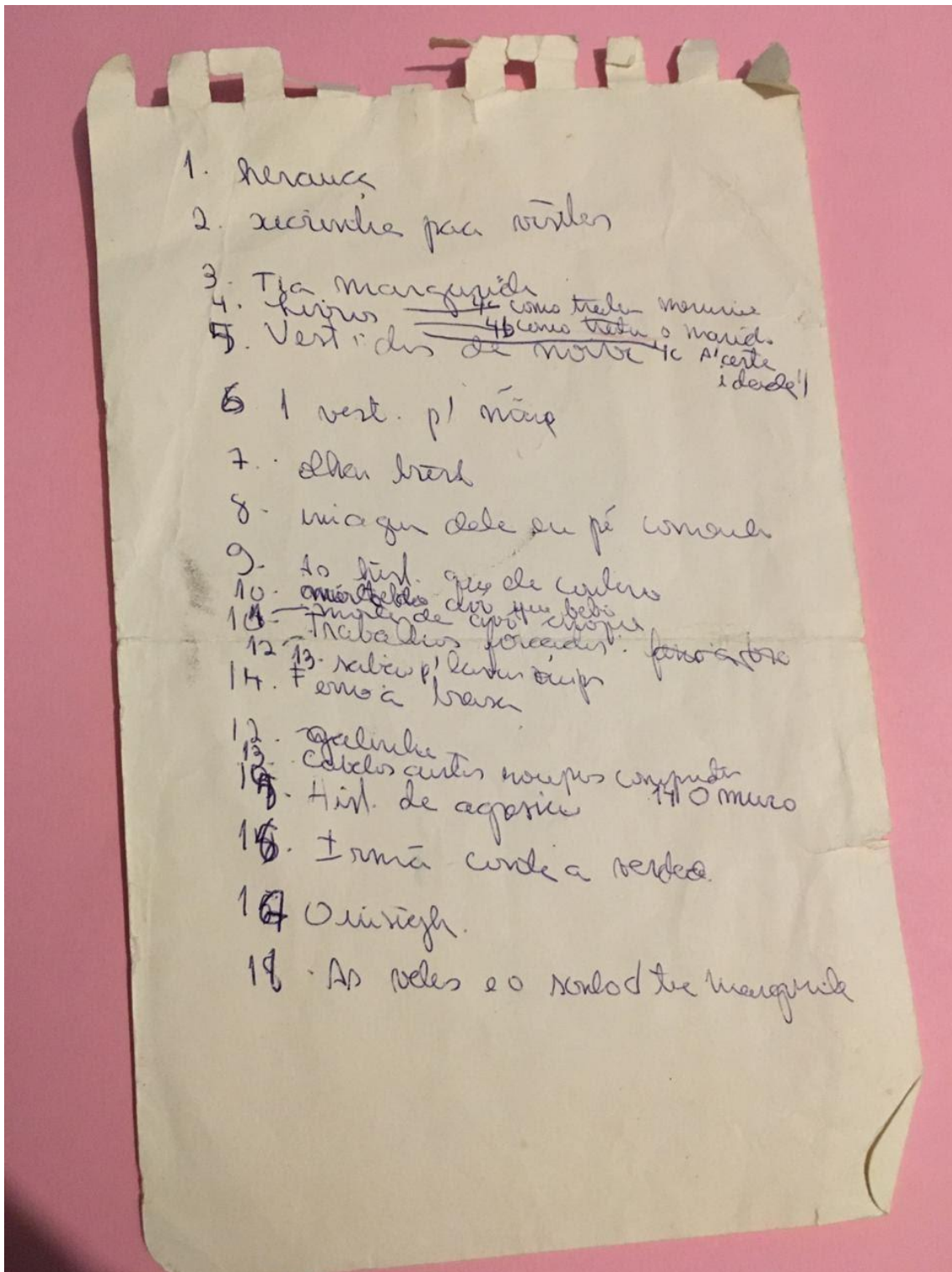
A revelação daquela violência foi como um *insight* para mim pois até então eu nunca havia entendido o jeito dela nos vestir. Eu e minha irmã éramos obrigadas a usar cabelos curtos, tipo Joãozinho, e sapatos de homem. As saias compridas quando a moda era de minissaia.

Minha mãe não me deixava ir brincar na rua com outras crianças. Só podia ir até o muro. Era proibido atravessar o portão. Ficava lá olhando as outras crianças brincarem. Eu queria tanto ir brincar com elas, mas nunca pude! E as crianças também não entendiam porque eu não ia brincar com elas. Achavam que eu era orgulhosa. Metida. Mesmo na escola, eu queria brincar de roda, mas não sabia como entrar para

brincar. Pela vida afora, parece que em alguns momentos o muro ainda está ali entre mim e as outras pessoas.

O que a vida inteira havia entendido como desamor era uma estratégia materna de proteção. Minha mãe não queria que suas filhas passassem pelo mesmo que passou, por isso escondia nossa feminilidade. Mas minha irmã também não escapou de um outro tio. Infelizmente, um dos irmãos de minha mãe. Ela era criança, tinha apenas seis anos. Eu escapei dos familiares, mas também não saí ilesa não. Não cheguei a ser estuprada. Mas houve colegas de escola, de trabalho, homens na rua, chefes, até mesmo chefes mulheres, que foram machistas e abusivos e desrespeitosos. O pior é que eu nunca pude nem tive coragem de pedir socorro para ninguém.

Essa história é para mim uma grande homenagem à mulher que minha mãe foi. Lutadora. Trabalhadora. Guerreira. Valente. E linda. Queria poder abraçar minha mãe hoje e dizer que ela não teve a menor culpa. Que não precisava ter escondido isso da gente, especialmente depois que ficamos adultas. A minha vontade é revelar a história dela como a de uma heroína que enfrentou tanta coisa calada, entristecida, sufocada. Sinto que preciso contá-la por que essa história, infelizmente, não é só dela. Nem só de minha irmã ou minha. É a história de muitas mulheres, de um tempo, de uma sociedade, que precisa ser transformada. Vergonha? Vergonha é de quem abusa. E não de quem é abusada.



1. herauç
2. xerimbe paa vintler
3. Tia mangueira
4. ~~herauç~~ <sup>4c como trecha manuse</sup>
5. ~~Vestidos de noiva~~ <sup>4b como trecha o marid.</sup> <sub>1c A' certa  
1 desde!</sub>
6. 1 vest. p/ noiva
7. elen brech
8. miaga dele su pé comou
9. do hirt. que de capelas
10. ~~onir felas~~ <sup>dos que bebis</sup>
11. ~~miaga de capot~~ <sup>criosus</sup>
12. ~~trabalhos forçados~~ <sup>forçados</sup>
13. ~~ralco p/ lavar sup~~
14. ~~emo a base~~
12. ~~galinha~~
13. ~~callos autis noquis~~ <sup>comprido</sup>
14. ~~Hirt. de agorin~~ <sup>11 O muro</sup>
15. ~~Tomã cunde a verdea.~~
16. ~~Quirieg.~~
18. ~~As veles eo noiod tre mangueira~~

1. Herança
2. Tia e o sonho de casar
3. mãe / comportamentos e histórias  
- órfã  
- serviços forçados  
- a agressão  
- o padrinho alfaque  
- vida em Sp  
- forçou à brax  
- invenção / cuidar  
- a galinha  
- melos / arde / Ave Maria
4. Irmã conta a verdade
5. O insight / os cabelos curtos  
os repositos construídos  
os rapatos de menino
6. Tristes estatísticas
7. Homenagem

Roteiro de preparação da história

ção da história